



ISSN: 1981-0601

V. 17, N. 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

DO PRECONCEITO AO RESPEITO LINGUÍSTICO: UM CAMINHO PARA NORMALIZAR A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

*FROM PREJUDICE TO LINGUISTIC RESPECT: A WAY TO NORMALIZE LINGUISTIC
DIVERSITY*

Gilberto Antonio Peres¹
Talita de Cássia Marine²
Simone de Azevedo Floripi³

RESUMO: As orientações contidas na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) inspiram o empenho dos profissionais docentes em realizar no espaço escolar um trabalho com a língua portuguesa de forma que se evidencie o respeito linguístico. Embora muito se discuta o fenômeno da heterogeneidade linguística, ainda há entraves que dificultam reflexões harmoniosas de forma que a variação linguística seja tratada com normalidade nas instituições escolares. Diante disso, neste artigo apresentamos discussões acerca da heterogeneidade linguística com o objetivo de mostrar caminhos possíveis para o reconhecimento da legitimidade de determinada variedade linguística, sem deixar de ensinar a norma padrão, contribuindo para que a aprendizagem dela aconteça com menos resistência. Apresentamos também propostas de atividades a serem aplicadas nos anos finais do ensino fundamental, elaboradas a partir da seleção de textos de diferentes gêneros, com exemplos atuais e reais. Embasamos nosso suporte teórico em contribuições advindas de Faraco (2008); Faraco; Zilles (2017); Leite (2012); Bagno (2003; 2013); Scherre (2021); Marine; Oliveira; Silva (2021). Por fim, enfatizamos que nosso intuito ao propor a aplicação dessas atividades é contribuir para que as aulas de língua portuguesa sejam uma oportunidade de realizar um trabalho rumo ao respeito linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de língua portuguesa; Variação linguística; Preconceito e respeito linguísticos.

ABSTRACT: *The guidelines contained in the National Curricular Common Base (BRASIL, 2017) inspire the commitment of teaching professionals to carry out work with the Portuguese language in the school space so that demonstrates linguistic respect. Although the phenomenon of linguistic heterogeneity is wide discussed, there are still obstacles that hinder harmonious reflections so that linguistic variation is treated normally in school institutions. Therefore, in this article we present discussions about linguistic heterogeneity in order to show possible ways to recognize the legitimacy of a given linguistic variety, while teaching the standard*

¹ Universidade Federal de Uberlândia. Doutorando do PPGEL. E-mail: gilbertoaperes@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Uberlândia. Proletras. Grupo de Estudos Variacionistas (GEVAR). E-mail: talita.marine@gmail.com

³ Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Proletras. Grupo de Estudos Variacionistas (GEVAR). E-mail: simone.floripi@gmail.com



ISSN: 1981-0601

V. 17. N, 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

norm, contributing to learning it with less resistance. We also present proposals for activities to be applied in the final years of elementary school, based on the selection of texts of different genres, with current and real examples. We base our theoretical support on contributions from Faraco (2008); Faraco; Zilles (2017); Leite (2012); Bagno (2003; 2013); Scherre (2021); Marine; Oliveira; Silva (2021). Finally, we emphasize that our intention in proposing the application of these activities is to contribute so that Portuguese language classes are an opportunity to carry out work towards linguistic respect.

KEYWORDS: *Portuguese language teaching; Linguistic variation; Linguistic prejudice and respect.*

“... a violência
é irmã do preconceito.
Respeitando o diferente,
o homem anda pra frente;
talvez esse seja o jeito.”

(BESSA, 2018, p. 141)

Introdução

As atuais relações interpessoais, em todos os contextos, requerem o conhecimento e a aceitação da pluralidade cultural, uma vez que vivemos em uma sociedade com características socioculturais cada vez mais diversas. A interação entre as pessoas de um grupo social se concretiza por meio do uso de uma língua que explicita as características socioculturais desse grupo. Portanto, a partir do momento em que se reconhece que a sociedade não é socioculturalmente homogênea, torna-se evidente que a língua usada por ela também não o é. Nesse sentido, corroboramos LABOV (2008) ao afirmar que qualquer abordagem acerca da língua, mesmo que introdutória, deve enfatizar que ela é uma forma de comportamento social.

Para além disso, considerando que a língua é um fato social que representa as especificidades culturais dos indivíduos em determinada comunidade de fala, a reflexão sobre norma linguística contribui para o entendimento e a aceitação dessas diferenças no uso da língua, esclarecendo-nos que cada maneira diferente de falar e de se expressar não é desprovida de regras: é explicada cientificamente. Faraco e Zilles (2017) conceituam a norma em dois sentidos. O sentido geral é o “*como se diz* numa determinada comunidade de fala” (FARACO; ZILLES, 2017, p. 12, destaque dos autores), portanto diz respeito a um sentido normal que, conseqüentemente, é habitual e aceito pelos membros da comunidade, uma vez que a interação entre esses membros acontece eficazmente. O outro sentido de norma concerne a um sentido específico: “se refere ao *como se*



ISSN: 1981-0601

V. 17, N. 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

deve dizer em determinados contextos”, visando “normatizar o comportamento linguístico dos falantes” (FARACO; ZILLES, 2017, p. 12, destaque dos autores).

Assim, muitas vezes, a diversidade linguística é desconsiderada em detrimento da imposição de uma norma descritiva que, quando o falante não a obedece, pode ser discriminado por não usá-la; essa discriminação pode evoluir para uma violência simbólica, caracterizada por uma intolerância motivada por preconceito social e linguístico.

Pautados nessas reflexões, apresentamos neste artigo propostas de atividades com enfoque na diversidade linguística a serem aplicadas em turmas dos anos finais do ensino fundamental, com o objetivo de discutir a relevância do respeito linguístico. Assim, iniciamos por esta introdução, apresentamos uma discussão sobre os preconceitos sociais e o preconceito linguístico com análise de dois episódios recentes de discriminação ocorridos em nossa sociedade; a seguir, discorreremos sobre o ensino de língua portuguesa à luz dos documentos oficiais. Na sequência, apresentamos nossa proposta de atividades a partir de uma seleção de textos de diferentes gêneros, as quais estão antecedidas por breves complementações teóricas com o objetivo de orientar o docente. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas.

Dos preconceitos sociais ao preconceito linguístico

Os fatos sociais, sejam eles raciais, culturais, religiosos, políticos e linguísticos, por exemplo, revelam como a sociedade reflete seus valores e atitudes que integram a construção de sua própria identidade. No entanto, há momentos em que um indivíduo, nas suas relações sociais, pode ser desrespeitado por outro em decorrência de algumas diferenças, gerando o que se chama de preconceito. Para Leite (2012, p. 27) “o preconceito é um fenômeno que se verifica quando um sujeito discrimina ou exclui outro, a partir de concepções equivocadas, oriundas de hábitos, costumes, sentimentos ou impressões”. Quando se questiona o equívoco nas concepções de qualquer âmbito, o que se evidencia é a não aceitação das diferenças, pressupondo-se que são inferiores todos os constituintes de uma cultura quando em comparação com os constituintes da cultura daquele que procede a tal julgamento. Essa atitude de discriminação, de preconceito, envolve um intolerante (o discriminador) e uma vítima (o discriminado), a qual se encontra numa situação de passividade. Situações dessa natureza ocorrem no cotidiano e na mídia, constituindo-se



ISSN: 1981-0601

V. 17. N, 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

como infelizes fatos de intolerância social e linguística ao se estabelecerem julgamentos com base em concepções equivocadas, ultrapassadas e/ou rígidas que não permitem a valorização da diversidade, de outros olhares, modos, meios, corpos, culturas e variedades da língua.

Para exemplificar uma situação de intolerância linguística, foco de nossas reflexões, mencionamos aqui dois episódios: o preconceito linguístico evidenciado durante a produção de um *reality show* no Brasil e a discriminação sofrida por uma cuidadora de idosos ao enviar currículo para um novo emprego, no mesmo país.

O primeiro fato⁴, noticiado pelo site istoé.com.br, em 10 de março de 2021, é apresentado pela manchete “Karol Conká e Globo são processadas por Associação dos Nordestinos”. Trata-se do fato em que a cantora curitibana Karol Conká, participante de um *reality show* exibido pela emissora brasileira de televisão, Rede Globo, discrimina o sotaque da colega participante, a paraibana Juliette Freire, imitando-a ao pronunciar enfaticamente palavras como “deselegante, sufocante, delirante”, não palatalizando o /t/. Acrescente-se a isso a seguinte fala: “Me disseram que lá na terra [Paraíba] dessa pessoa é normal falar assim, contou a artista, em conversa com Thaís Braz e Sarah Andrade. ‘Eu sou de Curitiba, é uma cidade muito reservadinha, tenho os meus costumes. **Tenho muita educação para falar com as pessoas**’, disse ela na ocasião” (grifos nossos).

Ocorre neste fato um evidente preconceito linguístico, iniciado pela discriminação socio regional a uma nordestina e que acaba por se estender a toda a classe dos nordestinos, os quais se mobilizaram contra a artista e entraram com uma ação judicial contra ela, conforme expõe a manchete. De fato, Karol Conká, ao associar educação com o lugar de nascimento, foi preconceituosa. Por outro lado, ao se identificar como curitibana, como alguém de “uma cidade muito reservadinha”, acaba por favorecer a criação de um estereótipo em relação ao povo curitibano, podendo colaborar para a geração de juízos de valor positivos, tal como provavelmente desejou expressar a influenciadora em sua fala, mas também, juízos negativos podem emergir à luz da criação de um estereótipo, afinal, ser um “povo reservadinho” pode reverberar, por exemplo, em uma compreensão de um povo arrogante e que não se mistura com os demais. Isso dito, mostra-se que ao partirmos de concepções estanques do que foi rotulado como “normal” para cada cultura ou

⁴ A notícia completa pode ser lida em <https://istoe.com.br/karol-conka-e-globo-sao-processadas-por-associacao-dos-nordestinos/>. Acesso em 24.out. 2022.



ISSN: 1981-0601

V. 17. N. 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

região, adentramos a um caminho sem volta, ladeado de preconceitos e impressões falsas, pessoais, subjetivas e, na sua maioria, equivocadas. Essa reflexão é relevante para que não criemos rótulos, expondo determinada parcela da população apenas como algoz ou como alvo de preconceito, pois outras regiões do país - inclusive o nordeste - podem criar um preconceito contra essa imagem do curitibano.

Assim, mostra-se imperativa a necessidade de se desfazer dos falsos preconceitos que rotulam, diminuem, restringem ou limitam seres ou coisas; não é possível nomear ou classificar o mundo em modelos estanques ou em “caixinhas”, pois certamente algo ficará de fora de tais classificações. Sejam elas linguísticas, sociais, culturais, filosóficas ou físicas. Nosso ponto de análise não parte do binário, do simples “certo x errado”, do “sim x não”, mas sim, dos múltiplos, dos “contínua⁵”.

O segundo fato repercutiu nacionalmente por meio de uma reportagem exibida pelo Fantástico, programa televisivo da Rede Globo, exibido em 24 de outubro de 2021. Uma cuidadora de idosos, desempregada pelo fato de a pessoa de quem cuidava ter falecido, enviou seu currículo para uma empresa, solicitando emprego. A resposta que obteve foi grosseira, o que se intensificou pelo fato de a cuidadora ter escrito “Desculpa **encomodar**” e “Porque **agente** nunca sabe dia de amanhã”, quando se comunicava por meio do *WhatsApp* com os representantes da empresa. Ela recebeu a seguinte mensagem: “seria bom você fazer um curso de português, pode ser que seja por isso que você não consegue uma vaga de trabalho”.

Tal episódio evidencia que a empresa discriminou a profissional por questões de natureza linguística, ao considerar que os desvios de escrita nas mensagens da cuidadora tornavam-na inapta ao cargo. Vale lembrar que o fato de usar ou não a variedade culta da língua não foi o motivo para que a cuidadora perdesse o emprego anterior. Além disso, é necessária uma análise do posicionamento da empresa, ao julgar que o cuidador de idosos precisa usar a norma culta da língua em todas as situações, inclusive em uma comunicação rápida via *WhatsApp*. Nesta situação em específico, a vítima foi ofendida por apresentar erros ortográficos que, possivelmente, estão associados à sua variedade linguística, fazendo com que se sentisse discriminada pela sua forma de

⁵ Leia “continua” como plural de “continuum”, ou seja, de linhas de continuidade usadas para estabelecer a gradação que existe entre dois polos, sejam eles quais forem.



ISSN: 1981-0601

V. 17, N. 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

falar, sua linguagem, algo que pode ser considerado como “o que o outro tem de mais íntimo e o que representa a sua subjetividade” (LEITE, 2012, p. 7).

A partir da análise desses dois episódios, parece-nos claro que uma situação de preconceito linguístico não o é diretamente, pois sempre há outra causa que o antecede, com uma tentativa de justificá-lo ou amenizá-lo por meio do que o discriminador acredita ser “válido” para respaldar sua atitude. No primeiro caso, a participante do *reality*, Julliete, a princípio não foi discriminada por seu sotaque, mas por ser nordestina; no segundo, a cuidadora de idosos sofreu preconceito social relacionado à sua categoria profissional, reverberando, em última instância, em preconceito linguístico. Diante disso, confirmamos que “O preconceito com a linguagem carrega outros” (LEITE, 2012, p. 38) preconceitos. É lamentável verificarmos que o preconceito linguístico disfarça/reforça outros preconceitos que excluem seres humanos que se encontram excluídos por outras motivações sociais.

Nesse sentido, cabe-nos refletir, na condição de professores de língua materna, como a escola pode ser uma instituição a serviço de uma reflexão capaz de realizar um trabalho rumo ao respeito linguístico, procurando trilhar outros caminhos possíveis para dar fim a um tipo de preconceito que se alimenta de uma crença equivocada de língua, compreendida como homogênea e vista como sinônimo de regras prescritivas da gramática normativa. Daí a importância capital de refletir na sala de aula acerca da legitimidade de cada variedade linguística, desfazendo o equívoco que muitas pessoas - inclusive professores de língua portuguesa - têm a respeito da língua, restringindo-a às variedades cultas e supervalorizando a gramática normativa em detrimento de outras.

Preconceito ou respeito linguístico: o ensino de língua portuguesa à luz da BNCC

Diante da exposição de casos de discriminação linguística presentes no cotidiano brasileiro e muitos deles expostos na e pela mídia, cabe à escola (re)pensar como ela pode, à luz das orientações da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) - doravante BNCC - realizar um trabalho que seja realmente produtivo no que se refere ao enfraquecimento do preconceito linguístico, iniciando por uma atitude de respeito às diversidades sociais, que são causa não só de intolerância linguística, mas de várias outras questões sociais. Conforme Pinsky (2003, p. 7), “Várias facetas do preconceito se manifestam na escola com mais frequência do que gostaríamos de admitir. Além disso, a escola é



ISSN: 1981-0601

V. 17. N, 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

um lugar privilegiado para discutir a questão do preconceito e até para iniciar um trabalho com vistas a atenuar sua força”. Atenuar sua força significa caminhar rumo ao respeito social e linguístico, elaborando, propondo e aplicando no espaço escolar, atividades de ensino que objetivam a discussão acerca das diferenças sociais, culturais, econômicas, étnicas e linguísticas; especialmente nas aulas de língua portuguesa, faz-se necessário conscientizar os falantes/estudantes de que há um caráter de normalidade e legitimidade em todas as variedades linguísticas.

Enfatizamos que, nesse caso, a formação sociolinguística do profissional docente contribui para que a escola não seja uma instituição social “culpada” pela geração do preconceito linguístico, pois é um equívoco a realização de um trabalho que ainda considere língua como sinônimo de gramática normativa, o que representa o conceito específico de norma linguística. Para Bagno (2003, p. 63, destaque do autor) “o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe *uma única língua portuguesa digna deste nome* e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários”. Nesse sentido, atribui-se à língua um caráter de homogeneidade, referenciada na normatização de suas regras, reunidas em exemplares de gramáticas e dicionários para um trabalho escolar de língua, o que pressupõe uma atitude tradicional de abordagem linguística por parte das instituições de ensino.

Ressaltamos que uma visão catalogadora e restritiva deve ser rejeitada no espaço escolar, considerando que as orientações atuais dos documentos oficiais direcionam para uma atuação alicerçada na discussão/reflexão da heterogeneidade linguística, tal como pode ser comprovado ao refletirmos acerca da primeira competência específica de língua portuguesa, proposta pela BNCC:

1. Compreender a língua como um fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem (BRASIL, 2017, p. 87).

Tomando como marco cronológico para o avanço em relação à abordagem da variação linguística no espaço escolar a década de 1960, segundo Mattos e Silva (2004) foi nessa época que chegava à escola uma minoria, oriunda dos segmentos dominantes da sociedade. A escola, por sua vez, conseguia com que os indivíduos escolarizados dominassem o padrão linguístico considerado “correto”. Essa exposição da autora é convergente com a exposição de Savioli (2014), que apresenta três estágios distintos no percurso do ensino de língua portuguesa no Brasil, a partir da década de



ISSN: 1981-0601

V. 17. N. 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

1960. No primeiro estágio (meados de 1960 e fins de 1970), o autor destaca justamente o foco nas “normas do falar correto como a única forma de bom uso da língua” e, por isso, “simplesmente não se colocava a questão da variação linguística” (SAVIOLI, 2014, p. 136).

O segundo estágio (início da década de 1980 e fins da de 1990) é exposto como o estágio de transição e de contrastes, porque nele se percebe que os professores apresentam desejo de mudança no ensino da língua e a academia se empenha “à procura de uma descrição abrangente e confiável da língua em funcionamento” (SAVIOLI, 2014, p. 139). No entanto, há uma demora no entendimento de novas propostas, embora o certo e o errado não sejam mais uma obsessão. Finalmente, o terceiro estágio (firmado a partir dos anos 2000) se caracteriza por um ensino de língua portuguesa que percebe, também, a importância dos valores sociais que evidenciam as “implicações recíprocas entre língua e sociedade” (SAVIOLI, 2014, p. 144); o estudo da língua envolve muito mais que entender um código e, por isso, valoriza-se também a cultura dos participantes de todo o processo dessa aprendizagem.

Postas tais reflexões, cabe mencionar que as contribuições documentais que favoreceram a mudança no ensino da língua no espaço escolar datam do final da década de 1990, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais apresentam a língua como um fenômeno variável: “A língua portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades” (BRASIL, 1998, p. 81) e preconizam o papel da escola como um agente de combate ao preconceito linguístico:

Frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes: a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística. [...] o **preconceito linguístico**, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser **combatido** com vigor e energia (BRASIL, 1998, p.82, destaques nossos).

Essa orientação não só é reafirmada pela BNCC, como também se apresenta de forma a evitar o preconceito linguístico, antecipando a isso a ação de conhecimento do fenômeno da heterogeneidade linguística ao mesmo tempo em que promove o respeito às variedades linguísticas. Esse entendimento se constrói a partir da reflexão sobre a quarta competência específica para o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental: “4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e **rejeitando preconceitos linguísticos**.” (BRASIL, 2017, p. 85, destaques nossos).



ISSN: 1981-0601

V. 17. N, 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

Para rejeitar o preconceito linguístico, o debate acerca do respeito linguístico se apresenta como um caminho para a construção de uma convivência social pautada na tolerância diante das diferenças, com menos conflitos, com menos exclusões. Com referência a esse tema, Scherre (2021, p. 117) assim conceitua o respeito linguístico:

O respeito linguístico é a convivência harmoniosa entre os diferentes modos de falar, seja no plano das diferenças entre as línguas, seja no plano das diferenças entre as variedades no interior de uma mesma língua. As diferenças linguísticas, em qualquer plano, incluindo o social, caracterizam grupos de falantes e são mecanismos identitários (SCHERRE, 2021, p. 117).

O debate sobre o respeito linguístico contribui para que se perceba que a língua ou, mais especificamente, a variedade linguística usada por um determinado grupo de falantes constitui parte importante de sua identidade. Assim, o respeito se estende às especificidades socioculturais do grupo, de forma a evitar julgamentos subjetivos e promover a interação dos falantes nos espaços familiares, escolares, de trabalho, ou seja, em todos os espaços por onde o falante transita.

Por fim, é papel da escola atuar de forma a contribuir para a ampliação da competência comunicativa dos falantes/estudantes, sem lhes causar desvantagens decorrentes do direito de se manifestarem linguística e culturalmente. Nesse sentido, colaborar para o desenvolvimento de tal competência é oferecer subsídios – desenvolvimento de habilidades e competências, tal como proposto pela BNCC - aos falantes/estudantes para que se tornem verdadeiros “camaleões linguísticos” (FARACO, 2008).⁶

A seguir, passaremos à descrição de uma proposta de atividades, cujo intuito é fomentar mais discussões sobre o assunto em sala de aula, a partir de exemplos reais e atuais.

Proposta de atividades: construindo o respeito linguístico

A partir da seleção de textos de diferentes gêneros, cujo conteúdo temático se constitui como um rico material linguístico para a proposta de atividades sobre a variação linguística na sala de aula, iniciamos a elaboração de uma proposta de atividade didática para abordar a temática do preconceito e respeito linguísticos. Para tal, escolhemos quatro textos: um vídeo de um MC, um

⁶ O termo camaleão linguístico é explicado assim: “o comportamento normal do falante é variar sua fala de acordo com a comunidade em que ele/ela se encontra. É parte do repertório linguístico de cada falante um senso de adequação” (FARACO, 2008, p. 38).



ISSN: 1981-0601

V. 17. N. 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

exemplar de tira, um bilhete (que está inserido em uma notícia) e um vídeo no qual Bráulio Bessa declama o poema “Recomece”, de sua autoria.

As atividades propostas procuram demonstrar uma postura de acolhimento e respeito às variedades linguísticas no espaço escolar⁷. Enfatizamos que ao trabalharmos à luz do respeito linguístico, isso não significa deixar de ensinar a norma padrão, outrossim, significa compreender que, para ensiná-la, é coerente que o falante/estudante tenha reconhecida a legitimidade da própria variedade linguística que usa e domina de forma competente. Assim, acreditamos que o aprendizado da norma padrão tende a ocorrer com menos resistência, permitindo ao estudante usá-la em outros espaços sociais – não apenas na escola - em que seu uso será exigido e, principalmente, adequado.

Apresentamos três propostas de atividades, as quais são antecedidas por breves complementações teóricas com o intuito de orientar o docente na condução de suas aplicações. A proposta 1 contempla o entendimento da heterogeneidade da língua por meio da análise de um vídeo sobre o preconceito linguístico; a proposta 2 apresenta uma atividade contemplando o uso de uma tira e de um bilhete, pretendendo que ocorra a percepção do respeito linguístico construído, inicialmente, pelo conhecimento do fenômeno da variação linguística até chegar à aprendizagem da norma padrão; a proposta 3 apresenta uma atividade com o poema “Recomece”, de Bráulio Bessa, com vistas a colaborar para a compreensão das diferenças linguísticas na perspectiva da oralidade.

Proposta 1

O objetivo desta proposta, atividade 1, é oportunizar uma discussão com os discentes acerca do fenômeno da variação linguística, levando para o espaço da sala de aula, mesmo que em caráter introdutório, a pesquisa sociolinguística, conforme a proposta de Marine, Silva e Oliveira (2021). Isso porque, tal como as autoras,

Acreditamos que o desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística variacionista em sala de aula, adaptada à realidade e aos objetivos que se pretendem alcançar por meio dela entre alunos da educação básica, pode representar uma ação inovadora no

⁷ As atividades propostas visam contemplar habilidades conforme a BNCC (BRASIL, 2017). Entre elas mencionamos: (EF69LP05) “inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, *gifs*, etc. – o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc”; (EF69LP55) “reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma padrão e o de preconceito linguístico”; (EF69LP56) “fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma padrão em situações de fala e de escrita nas quais ela deve ser usada”.



ISSN: 1981-0601

V. 17, N. 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

que tange ao ensino de língua portuguesa, visto que coloca o aluno em um lugar ativo no processo de ensino-aprendizagem da língua, como pesquisador da própria língua (MARINE; SILVA; OLIVEIRA, 2021, p. 4).

Nesses moldes, o aluno vai pesquisar e refletir sobre a realidade linguística em consonância com os objetivos relacionados à sua etapa de escolaridade, atuando como protagonista na realização de atividades de ensino, as quais devem ser propostas de forma a lhe permitir uma atuação inovadora no processo de discussão sobre a língua, deixando de assumir o papel de mero receptor de uma visão gramatical consolidada a partir da percepção de seu professor. Assim, o aluno entende que a língua não é somente um meio para outras aprendizagens, mas que, antes de tudo, ela se constitui como um objeto sobre o qual também se constrói conhecimento.

Dito isso, apresentamos os passos para realização da primeira atividade, em que pretendemos que os alunos realizem uma pesquisa sociolinguística. Para tal, utilizamos o vídeo do Emicida “esse preconceito linguístico no dia a dia”.

Figura 1 – Vídeo de MC sobre preconceito linguístico



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QlhsiMWT-eQ>. Acesso em 24.out. 2022.

Propomos o desenvolvimento da atividade 1 em cinco momentos:

1º momento: apresentar o vídeo aos alunos e, em seguida, realizar a leitura do texto transcrito para auxiliá-los no debate do tema. O vídeo tem a duração de três minutos.

Transcrição da fala de MC no vídeo:

Esse preconceito linguístico, ele é muito presente no nosso dia a dia.

Um idioma... ele também traz junto uma visão de mundo.

Às vezes a tradução até amaldiçoa, no sentido original, porque ela minimiza aquilo pra caber dentro da perspectiva de alguém que não vive dentro daquele contexto, saca?



ISSN: 1981-0601

V. 17. N, 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

Então o peso de uma saudade, o que a palavra saudade significa para quem fala português está a anos luz do que um “I miss you!”

Significa muito mais do que isso, mas isso precisa ser diminuído pra caber dentro da lógica dessas pessoas que veem de fora.

O português do Brasil na verdade eu nem gosto de chamar ele de português, porque eu acho que... a gente fala brasileiro. A gente não fala igual a Portugal, é um idioma parecido, mas é outro.

Recebemos imigrantes aqui... de tantos lugares do mundo, diferente, que cada um trouxe um pouco de si, colaborou com isso aqui, é uma expectativa meio óbvia, que surja uma maneira nova de se falar no Brasil.

O português de Portugal tem uma santidade, é meio sacra a sílaba tônica. Ela é no lugar correto. E no Brasil, se eu quiser que tenha cinco sílabas tônica numa palavra [...] eu que estou falando. Se a gente falar: “Ma-ra-vi-lho-so”, todas as sílabas são fortíssimas.

A língua foi se moldando às necessidades e às culturas que estavam presentes em cada uma das regiões do Brasil. E quando você vai falar da periferia, a necessidade de se comunicar rápido, a norma culta às vezes é mais lenta, tem muitas pessoas que não têm um diploma, mas têm uma vivência e aquela vivência ali é tão ou mais importante do que várias coisas que a Academia trouxe para o mundo. E que se você teve a oportunidade de adquirir um conhecimento... você tem a obrigação de compartilhar ele. E fazer isso de uma forma afetuosa, não arrogante. Existem níveis de escolaridade, existem níveis de letramento, existem níveis econômicos mesmo, de acesso à escolaridade, sacou? E se eu desconsiderar isso em um país como o Brasil, eu vou estar sendo muito canalha, a sociedade no Brasil tem o hábito de ser muito canalha.

Se uma pessoa fala “mesmo” ou fala “memo”, a partir do ponto que a intenção é você entender, se você entendeu a ponto de entrar naquela história, a missão foi cumprida, se você pontua aquilo para marcar que aquela pessoa não obedece à norma culta da maneira tradicional, talvez tenha um problema em você, não em quem está falando.

2º momento: identificar palavras cujos sentidos são desconhecidos para os alunos. Em seguida, pedir que pesquisem sobre elas em fontes diversas: livros, dicionários, revistas, *sites* da internet, entrevistas a profissionais especializados, entre outros. O professor deve deixar que os alunos identifiquem as palavras sobre as quais vão pesquisar, no entanto, ele pode escolher algumas, levando em consideração o que já sabe – ou imagina saber - sobre o conhecimento dos alunos. O primeiro e o segundo momentos podem acontecer em uma aula de cinquenta minutos. O professor



ISSN: 1981-0601

V. 17. N, 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

deve também combinar com os alunos o tempo que terão para a pesquisa (sugerimos, aproximadamente, dois dias).

3º momento: organizar um momento (sugerimos duas aulas de cinquenta minutos cada) para socialização, debate e discussão acerca do sentido das palavras pesquisadas. O professor deve avaliar como os alunos se apropriaram das informações obtidas durante a pesquisa que eles mesmos realizaram. Neste momento será possível verificar que “tal proposta didática contribui para o letramento científico - de alunos e professores - e oportuniza o protagonismo juvenil no âmbito escolar, que é sinalizado na BNCC (BRASIL, 2017)” (MARINE; SILVA; OLIVEIRA, 2021, p. 4-5).

4º momento: realizar uma pesquisa linguística com o objetivo de exemplificar, na prática, os conceitos pesquisados. Esta etapa pode ser realizada individualmente ou em duplas. Para isso sugerimos atividades como:

- a) pesquisar cinco palavras ou expressões que simbolizam diferenças entre o português brasileiro e o português de Portugal.
- b) pesquisar expressões típicas de cada região do Brasil; se possível relacione contextos em que elas são empregadas.⁸
- c) identificar como em sua região se pronuncia a palavra “mesmo”; relacionar com outras pronúncias diferentes.
- d) escolher uma palavra e pensar na forma como é pronunciada na sua região e encontrar diferença na pronúncia dessa mesma palavra em outro lugar do Brasil.
- e) relatar situações em que o aluno presenciou o fato de algum falante ser discriminado devido ao uso de uma determinada variedade linguística; solicitar ao aluno que faça a sua análise da situação relatada.

É importante que o professor estabeleça um tempo para a realização da pesquisa e depois organize um momento para socialização das respostas em sala de aula, com a duração de uma a duas aulas de cinquenta minutos cada; esse será o **5º momento**.

⁸ Orlandi (2013, p. 181) discute a historicidade de nossa língua e, após comentar sobre a formação do português no Brasil, reforça que “A relação se dá agora entre brasileiros e brasileiros (incluindo, **excluindo**, valorizando, hierarquizando, **estigmatizando**, explicando)” (grifos nossos). Ressaltamos que o professor esteja atento ao comportamento dos alunos quando falarem das diferenças linguísticas regionais brasileiras, evitando que situações de discriminação aconteçam em decorrência dessas diferenças; é prudente que já se discuta sobre o respeito linguístico.



ISSN: 1981-0601

V. 17. N, 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

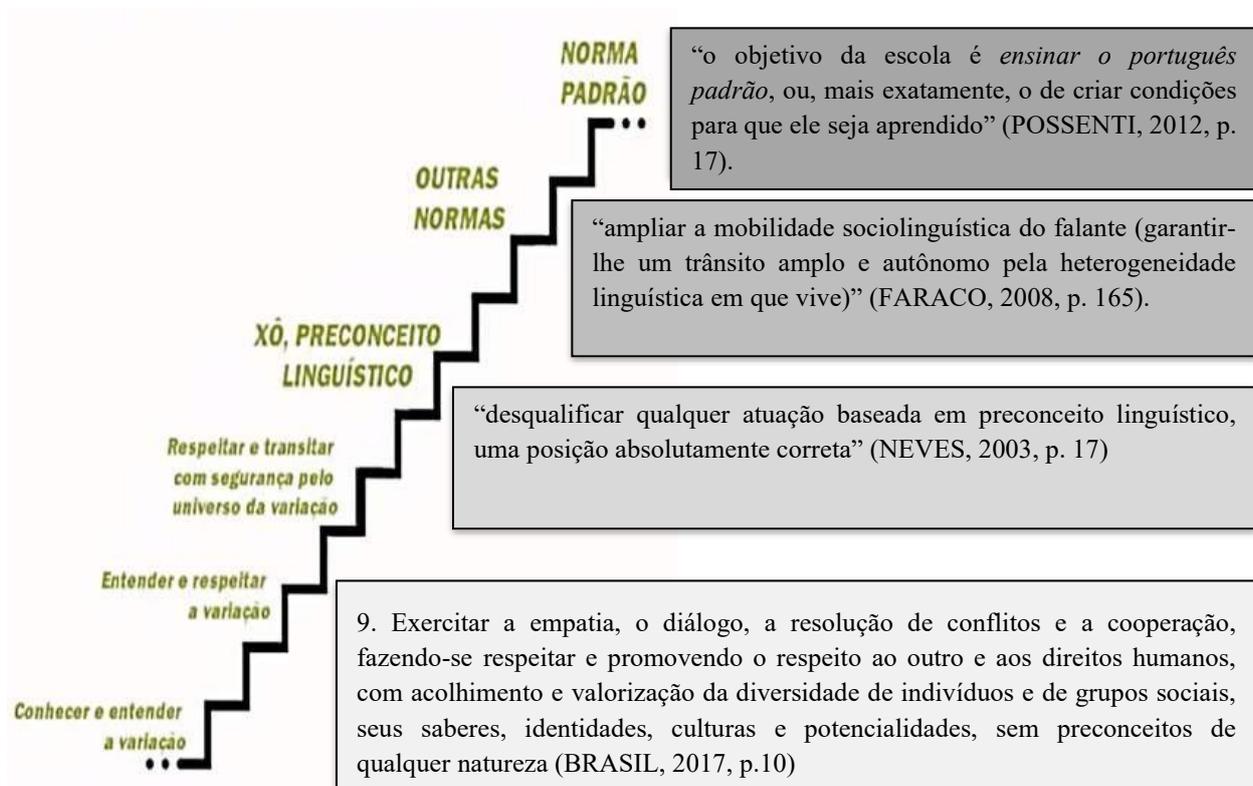
Proposta 2

Para o desenvolvimento da proposta 2, composta pelas atividades 2 e 3, sugerimos ao professor que, antes de sua aplicação, proceda à análise de um esquema em forma de uma escada elaborado pelos professores Biazolli, Brandão e Sene (2020) com base em Faraco (2020)⁹. A escada foi apresentada e discutida durante a live¹⁰ XÔ, PRECONCEITO LINGUÍSTICO: VELHAS NOVAS HISTÓRIAS (2020). De acordo com a apresentação dos autores, a escada constava do desenho dos degraus e das palavras escritas em verde e colocadas à esquerda deles (veja figura 2). Nossa contribuição foi no sentido de acrescentar, a sua direita, contribuições teóricas de documentos e especialistas brasileiros com o intuito de realizar uma reflexão sobre quais seriam as atitudes mais prudentes a partir do momento em que recebemos o aluno na escola, dominando de forma competente a variedade linguística de sua comunidade de fala, até o momento em que ocorre a aprendizagem da norma padrão. A composição final da escada ficou assim representada:

Figura 2 – Escada Xô, preconceito linguístico

⁹ A conferência com o Professor Faraco foi exibida ao vivo em 08 de maio de 2020 (YouTube ABRALIN); pode ser acessada pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw>.

¹⁰ O vídeo da live está disponibilizado no canal do Grupo de Estudos Variacionistas (GEVAR UFTM/UFU), por meio do link <https://www.youtube.com/watch?v=5m8Rbo3vYuE>. O esquema da escada a que nos referimos é apresentada no minuto 33:12.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Para enfatizar a ideia de que é relevante a variação linguística ser conhecida, entendida e respeitada, destacamos nos primeiros degraus da escada, a nona competência geral para o Ensino Fundamental, conforme a BNCC (BRASIL, 2017, p. 10).

Quando o aluno chega à escola, a atitude que se espera desta instituição é de respeito e acolhimento, que ela seja sensível às diferenças para que não se manifeste qualquer faceta do preconceito, inclusive linguístico, o qual, assim como Neves (2003), ressaltamos que precisa ser desqualificado. O papel da escola, nesse sentido, é o de aprimorar a competência linguística do aluno, capacitando-o para conhecer outras normas (FARACO, 2008) e, finalmente, aprender a norma padrão no espaço escolar, conforme defende Possenti (2012).

Assim, entendemos que o falante/estudante sobe a escada, degrau por degrau. Isso significa o falante/estudante ser respeitado/acolhido no momento em que chega à escola e, conseqüentemente, o trajeto para aprendizagem da norma padrão acontece com atenção e cuidado aos nossos alunos e de maneira gradativa; é um equívoco pretender que o aluno vá diretamente do primeiro ao último



ISSN: 1981-0601

V. 17, N. 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

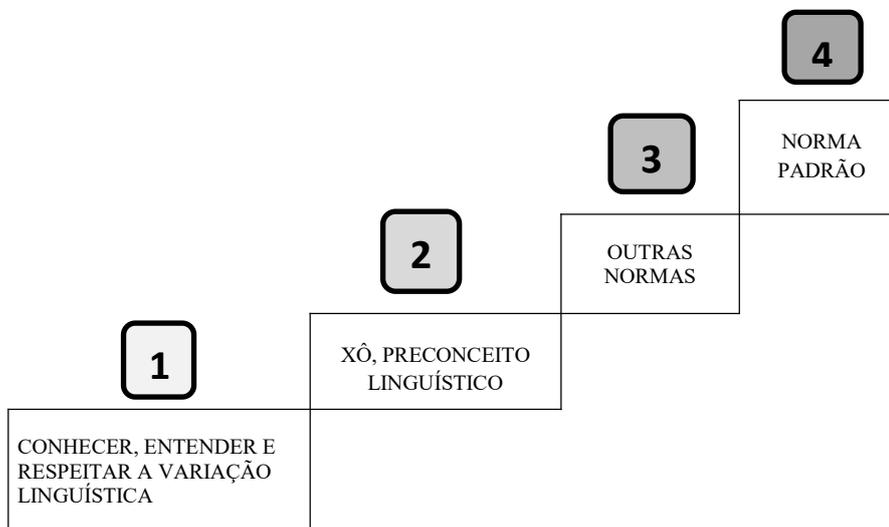
Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

degrau, ou seja, chegar à escola dominando a norma padrão. Nesse sentido, uma atitude cautelosa e consciente da língua em uso por parte do docente pode fazer muita diferença no processo de aprendizagem da norma padrão, bem como das normas cultas, evitando que no cotidiano escolar as atividades de ensino da língua se direcionem para a valorização apenas de variedades linguísticas com maior prestígio social.

Apresentamos a atividade 2 (com um exemplar de tira da Turma do Xaxado) e a atividade 3 (com uma notícia), organizadas e propostas da seguinte maneira: para cada texto propomos quatro atividades relacionadas à ordem dos degraus da escada, preocupando-se com cada etapa do percurso por ela; as atividades viabilizam a reflexão sobre a variação linguística, com o intuito de contribuir para a formação sociolinguística do aluno e evidenciando o respeito às variedades linguísticas que devem ser reconhecidas no espaço escolar, numa perspectiva de normalidade. A figura 3 representa a gradação implícita na sequência das atividades, conforme já discorremos.

Figura 3 – Respeito às variedades linguísticas



Fonte: Elaborada pelos autores.

Atividade 2

Pedir aos alunos que leiam atentamente a tira seguinte (figura 4) e respondam às questões que a seguem¹¹. Para responder às perguntas os professores podem fazer registros escritos no caderno. O tempo de realização da atividade deve ser de duas aulas de 50 minutos cada: uma aula para que os alunos respondam e outra para a socialização das respostas.

Figura 4 – Endereço escrito no bilhete
(CEDRAZ, 2012, p. 31)



Questões:

1.	Caso você tivesse presenciado a cena, após a atitude de Marieta, como você agiria para ajudar o moço? O que faria para agir com respeito?
2.	Quando leu o bilhete, Marieta conseguiria ajudar o moço? O bilhete apresenta as informações necessárias referentes ao endereço?
3.	Propomos três atividades e sugerimos ao professor que permita ao aluno escolher a que pretende responder: I. Marieta resolveu fazer um mapa para ajudar o moço a encontrar o endereço: como ficou o desenho feito por Marieta? II. Solicitar aos alunos que eles mesmos reelaborem o bilhete de acordo com seu conhecimento linguístico (o professor organiza um momento para analisar os bilhetes com a participação da turma). III. Imaginar como seria o bilhete reescrito por um mineiro, por um guarda de trânsito, por um comerciante detalhista (cada aluno escolhe uma das possibilidades e reescreve o bilhete); a turma organiza um mural com os bilhetes produzidos.
4.	Imagine que Marieta tenha agido diferente e se propôs a reescrever o bilhete para outra pessoa orientar o moço. Como ele seria reescrito?

Atividade 3

¹¹ Antes da realização da atividade, é importante o professor dizer aos alunos como se caracteriza a personagem Marieta. Segundo seu criador, Antônio Cedraz, Marieta vive corrigindo a fala “errada” dos outros, o que, para ela, é uma verdadeira cruzada em defesa da norma padrão da língua portuguesa. É apaixonada por livros, adora ler, estudar e aprender coisas novas para, um dia, tornar-se professora.

Propomos os seguintes passos para a aplicação desta atividade que pode ser realizada durante duas aulas de cinquenta minutos cada:

1º passo: solicitar aos alunos que leiam individualmente a notícia.

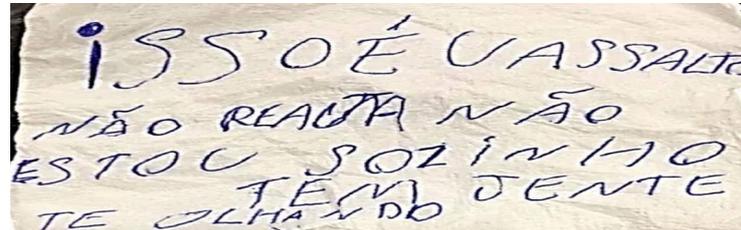
Ladrões usam bilhete em assalto para evitar contato no isolamento social

13/04/2020 - 08:03 Por: Eduardo Marini, do R7

[Tweeitar](#) [Compartilhar 0](#) [Curtir](#) Cadastre-se para ver do que seus amigos gostam.

O elemento bem que tentou respeitar o isolamento social desses tempos de coronavírus mas, ainda assim, acabou preso junto com dois parceiros.

Um assaltante anunciou sua intenção de roubar um supermercado na rua Gonçalves Iedo, centro de Urupês, pequena cidade paulista de 13,8 mil habitantes, de uma maneira, digamos, elegante e original no sábado (11). Ele entregou um bilhete a um integrante da equipe descrevendo de forma resumida e simples – simples até demais – a intenção do trio.



“Isso é u (sic) assalto. Não reaja não estou sozinho tem jente (sic) te olhando”.

Apesar da intenção do sujeito de respeitar o protocolo de saúde, querendo levar na ponta dos dedos, sem se aproximar de suas vítimas, não houve como ficar longe de policiais do 30º Batalhão de Polícia Militar do Interior.

A equipe o grampeou e o levou para a delegacia de uma cidade próxima, Novo Horizonte, junto com um tio e outro parceiro da tentativa descrita em código que tenta fazer referência ao português.

Os três foram para o xilindró por roubo e associação criminosa. Bilhetinhos curtos poderão ajudar na conversa com os advogados.

Disponível em: <https://surgiu.com.br/2020/04/13/ladros-usam-bilhete-em-assalto-para-evitar-contato-no-isolamento-social/> Acesso em 24.out.2022.

2º passo: discutir oralmente com os alunos as seguintes questões: o ladrão seguiu as regras de isolamento social impostas pelas autoridades durante o período da pandemia do covid 19, evitando



ISSN: 1981-0601

V. 17. N, 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

o contato físico; o ladrão não fez uso de armas, não ocorrendo a violência física; o texto da notícia apresenta um trecho em que há preconceito linguístico: “tentativa descrita em código que tenta fazer referência ao português”.

As perguntas seguintes são sugestões para o professor conduzir a discussão:

- a) O ladrão respeitou o protocolo de saúde referente à pandemia do Covid 19?
- b) O assaltante praticou violência física contra as vítimas?
- c) A variedade linguística usada pelos assaltantes foi respeitada pelo jornal que publicou a notícia?

3º passo: responder às questões seguintes:

1.	Imagine o bilhete entregue a diferentes usuários da língua (um policial, um advogado, um caixa de supermercado) e reflita quais seriam os julgamentos feitos por eles em decorrência da variedade linguística empregada.
2.	Analisar com os alunos se o bilhete, da forma como está escrito, gera interlocução, ou seja, a vítima entende a intenção de quem o entregou. Que elementos do bilhete constroem a cena de um assalto?
3.	Solicitar aos alunos que produzam bilhetes, imaginando uma situação em que uma pessoa consiga algo de outra sem usar a violência física. O suposto autor do bilhete deve ser alguém bem vestido, transitando por um ambiente bem sofisticado.
4.	Pedir a outras pessoas, fora do contexto escolar, para reelaborarem o bilhete da forma mais “correta” que conseguirem. Em sala de aula o professor procede à leitura de todos os bilhetes, analisando em qual deles a escrita mais se aproxima da norma padrão.

Sugerimos ao professor que nas questões 3 e 4 faça uma exposição dos bilhetes em mural; caso a turma tenha um grupo no *WhatsApp*, também poderá fotografar os bilhetes e postá-los no grupo.

Proposta 3

A atividade desta proposta tem como objetivo refletir com os alunos a variação linguística na perspectiva da oralidade. Bagno (2013), numa discussão sobre a heterogeneidade da língua, expõe que ela “apresenta *variação* em todos os seus níveis estruturais (**fonologia**, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.)” (grifo nosso) (BAGNO, 2013, p. 28). Diante disso, reconhecemos a necessidade de



ISSN: 1981-0601

V. 17. N, 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

aplicação de uma atividade que leve ao entendimento de que os diferentes sotaques também precisam ser respeitados, evitando que sejam um “objeto de preconceito”.

No Brasil, o sotaque nordestino frequentemente sofre ataques. No entanto, há ações desse mesmo povo no sentido de amenizar a situação, mostrando a cultura nordestina. Bráulio Bessa, por exemplo, em 2011 criou uma página no *Facebook* com o objetivo de valorizar a cultura nordestina, de forma geral. Nessa página ele colocou um “Curso Intensivo de Nordestinês” com a justificativa de que “o cartão de visita de qualquer povo é seu dialeto, seu sotaque” (BESSA, 2018, p. 50).

Dessa forma, a atividade 4 foi elaborada a partir do poema “Recomece”, de autoria de Bráulio Bessa; propomos sua aplicação em quatro passos:

1º passo: entregue aos alunos uma cópia do poema “Recomece” (Bráulio Bessa) com algumas palavras destacadas (na transcrição que apresentamos do poema, tais palavras estão em itálico e negritadas).

Recomece | Bráulio Bessa

Quando a vida bater *forte*
e sua alma sangrar,
quando esse mundo pesado
lhe ferir, lhe esmagar...
É hora do recomeço.
Recomece a LUTAR.

Quando tudo for escuro
e nada iluminar,
quando tudo for incerto
e você só duvidar...
É hora do recomeço.
Recomece a **ACREDITAR**.

Quando a estrada for longa
e seu corpo fraquejar,
quando não houver caminho
nem um lugar pra chegar...
É hora do recomeço.
Recomece a CAMINHAR.

Quando o mal for *evidente*
e o amor se ocultar,
quando o peito for vazio,
quando o abraço faltar...
É hora do recomeço.
Recomece a AMAR.

Quando você cair
e ninguém lhe aparar,
quando a força do que é ruim
conseguir lhe derrubar...
É hora do recomeço.
Recomece a LEVANTAR.
Quando a falta *de* esperança
decidir lhe açoitar,
se tudo que for real
for *difícil* suportar...
É hora do recomeço.
Recomece a SONHAR.

Enfim,



ISSN: 1981-0601

V. 17. N, 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

É preciso *de* um final
 pra poder recomeçar,
 como é preciso cair
 pra poder se levantar.
 Nem sempre engatar a ré
 significa voltar.

Remarque aquele encontro,
reconquiste um amor,
 reúna quem lhe quer bem,
reconforte um sofredor,
 reanime quem tá *triste*
 e reaprenda na dor.

Recomece, se refaça,
 relembre o que foi bom,
 reconstrua cada sonho,
redescubra algum dom,
 reaprenda quando errar,
 rebole quando dançar,
 e se um *dia*, lá na *frente*,
 a vida der uma ré,
 recupere sua fé
 e RECOMECE *novamente*.

(BESSA, 2018, p. 16-17)

2º passo: providenciar para que a turma ouça a declamação do poema feita pelo próprio autor. Solicite aos alunos que se atentem à pronúncia das palavras que estão destacadas, conforme a cópia entregue a eles. Indicamos o *link* de acesso ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=3x6CbaSpqgI>.

3º passo (*para as regiões em que ocorre a palatalização dos fonemas /t/ e /d/*): discutir com os alunos sobre a diferença de pronúncia das palavras destacadas, a partir da declamação de Bráulio Bessa e o modo como os falantes/estudantes as pronunciam na região em que vivem. Sugerimos ao professor que, ao final da discussão, faça a conclusão, explicando que se trata da não palatalização¹² de /t/ e /d/, por Bráulio Bessa, o que contribui para a caracterização do sotaque nordestino.

4º passo: (*para as regiões em que não ocorre a palatalização dos fonemas /t/ e /d/*): a proposta é que o professor providencie com antecedência um áudio ou um vídeo com a gravação da leitura do poema Recomece, feita por um falante que apresente a pronúncia palatalizada de /t/ e /d/. A seguir, o professor apresenta aos alunos o vídeo em que Bráulio Bessa declama o poema e o outro vídeo – ou áudio - providenciado por ele mesmo. Por fim, proceda à discussão, comentando sobre a palatalização de /t/ e /d/.

¹² Seara; Nunes; Lazzarotto-Volcão (2019, p. 151-152) explicam que “segmentos tornam-se palatais ao adquirir uma articulação chamada de africada quando estão diante de vogais altas, pois o posicionamento da língua para a emissão da vogal pode se sobrepor ao gesto consonantal da consoante adjacente”.



ISSN: 1981-0601

V. 17. N, 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

Para finalizar a aplicação da atividade, sugerimos ao professor que faça a leitura do poema com os alunos da seguinte forma: se na comunidade em que os falantes/estudantes vivem ocorre a palatalização de /t/ e /d/, eles vão ler sem palatalizar essas consoantes; se não forem palatalizadas na comunidade em que vivem, os alunos lerão o poema palatalizando essas consoantes. Dessa forma, a atividade contribui para que os alunos possam conhecer as diferenças nas pronúncias, valorizá-las e respeitá-las.

Considerações finais

Embora muito se tenha falado sobre o preconceito linguístico, ainda não vislumbramos uma possibilidade para que ele seja eliminado da sociedade. No entanto, um trabalho com a língua portuguesa no espaço escolar em que se discutam as variedades linguísticas e estimule o respeito a essas diferenças certamente contribui para o seu enfraquecimento.

A elaboração dessas atividades exigiu de nós um cuidado para que aqueles professores que se dispuserem a aplicá-las percebam a necessidade de acolhida às diferenças sociais e linguísticas dos estudantes, evitando situações de discriminação social e linguística na sala de aula.

Sentimos o quanto o empenho em se preparar teórica e sociolinguisticamente contribui para que a nossa prática pedagógica não seja excludente, ao mesmo tempo em que tal preparação favorece ao falante/estudante perceber que a aprendizagem da norma padrão é possível desde que a variedade que usa seja respeitada.

Assim, convictos de que um bom embasamento teórico nos aponta outras possibilidades de trabalho, esclarecemos que nossas propostas não se apresentam prontas, acabadas. Portanto, esperamos contribuir com a prática pedagógica de colegas docentes ao mesmo tempo em que esperamos retribuições. Afinal, nosso objetivo coletivo de professores de língua portuguesa deve, realmente, trilhar um caminho possível para normalizar a diversidade linguística.

Referências

BAGNO, M. Preconceito linguístico? Tô fora! In: PINSKY, J. (org.) **12 faces do preconceito**. 7. Ed. – São Paulo: Contexto, 2003, p. 59-66.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que, como se faz. 55 ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2013.



ISSN: 1981-0601

V. 17. N, 1, 2024



Recebido em: 12-05-2023

Aprovado em: 14-12-2023

Publicado em: 28-12-2024

DOI: 10.18554/it.v17i1.6488

BESSA, B. **Poesia que transforma**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

BRASIL – Secretaria de Educação Fundamental – **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, SEB/MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, SEB/MEC, 2017.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, M. Q. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

MARINE, T. C.; SILVA, J. F.; OLIVEIRA, A. L. A. **Sociolinguística e letramento científico: uma combinação promissora ao ensino de língua portuguesa na educação básica**. *Educação Em Foco*, 26(Especial 03), e26078. Disponível em <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/36439>> Acesso em 24. out. 2022.

NEVES, M. H. M. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2003.

PINSKY, J. Preconceito na escola? Que bobagem... In: PINSKY, J. (org.) **12 faces do preconceito**. 7. Ed. – São Paulo: Contexto, 2003, p. 7-9.

POSSENTI, A. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

SAVIOLI, F. P. O percurso das gramáticas nas ações escolares. In: NEVES, M. H. M.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.) **Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra, os autores**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 134-152.

SCHERRE, M. M. P. Respeito linguístico. In: ARNT, R.; SCHERRE, P. (org.) **Dicionário (livro eletrônico): rumo à civilização da religião e ao bem viver**. Fortaleza: Editora da UECE, 2021, p. 117-120.

SILVA, R. V. M. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.